



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa AVENÇA — QUINZENÁRIO

7 DE ABRIL DE 1956
Ano XIII — N.º 316 — Preço 1\$00

UMA CARTA

Esta carta inteiramente dedicada a «O Gaiato», não me deixa falar de cobrança nem da campanha de assinaturas, porque ela é mais que tudo. Ora tenham a bondade de ler e... tremer!

«O Gaiato conseguiu finalmente fazer-me chorar. Eu tenho vergonha disso, venho tentando endurecer a minha vida para triunfar e é evidente que nem uma coisa nem outra consigo.

Será que triunfo e endurecimento são incompatíveis?

Apetecia-me dizer: bem me basta a minha miséria quanto mais ter de preocupar-me com a miséria dos outros. No entanto recebo «O Gaiato» há mais de dois anos e leio sempre e guardo. Nunca mandei um tostão para aí, nem sequer pago o jornal; nunca mo pediram mas a dívida magoa-me. Não sei até se chegarei a pagar alguma vez. A dívida é tão grande e tão pequena! Peço apesar disto que nunca deixem de mo mandar, e mais, enviarei em breve o nome de dois novos assinantes. Eles pode ser que não paguem, nem nunca saberão quem os indicou, mas lêem com certeza. Talvez não colaborem, mas vão sofrer convosco e pode ser que um dia se vengam a inércia que nos mantém inactivos.

Chego a supor «O Gaiato» uma necessidade, uma doutrina, a nossa doutrina, a doutrina dos ateus.

Quando atrás falo na minha miséria pode supor-se que eu seja um mendigo, mas não. Tenho alguma educação, desenvolvi a minha sensibilidade, comprei livros, estudei, e agora?

Os meus pais estão velhos e doentes.

Quero casar-me.

O meu ordenado é o único recurso, não chega para nada e não há esforço possível que o consiga aumentar para o que falta.

Que perspectivas horríveis.

Não tenho fome nem durmo na rua, mas se considerar um pouco mais do que matar a fome e ter um tecto, como vital, a minha vida é e será cada vez mais uma miséria.

É o ardil que a vida moderna nos prepara.

Se neste estado de espírito «O Gaiato» me comove tanto, o que se estará a passar?

Nem quero pensar que possa constituir conforto para mim, o facto de haver miséria mais miserável do que a minha. Talvez o bem que me faz ler «O Gaiato» venha, não da tristeza que lá se vê, mas da bondade

por consequência. E, quase certo disto, se fosse possível um homem que nem sequer vai à Igreja, abençoar, o facto de eu vos escrever sem razão nenhuma aparente, constitui a necessidade que eu sinto de abençoar a obra e todos que nela colaboram.

O meu nome não diz nada e o anonimato ajuda a classificar-me!»

Trata-se de um homem novo, diria mesmo um rapaz; ele quer-se casar. Tem-se e toma por de ateus a doutrina do jornal, «a nossa doutrina», e sente a necessidade de abençoar a obra. Um ateu a abençoar uma obra de Deus!

Quão perto!

Sim; «o que se estará a passar», pergunta, se «O Gaiato» o comove tanto?! Ora o que interiormente se está passando dentro dele é o mesmo que se passa na alma de legiões de «ateus», quando vêem e sentem na terra Jesus Cristo realizado. Até na Rússia, e mais ali, ao que se ouve, as mães dão à luz sem Deus. Pois se «O Gaiato» ali fosse lido e conhecido não admira que muitos perguntassem a si mesmo: «o que se estará a passar dentro de mim?»

Que outra coisa é a vida de Deus em nós, senão isto mesmo de cada um notar e sentir a todo o momento que alguma coisa se está passando dentro de si — que outra coisa? Se não for isso, a vida é morte.

SETÚBAL

Os casos que nos sensibilizam e que descrevemos, são casos que devem impressionar todos os que ainda têm um bocadinho de consciência e sentem alegria em chamar Pai ao Pai do Céu.

Não é nossa missão descobrir pobres e, depois de assolhados, deixá-los ficar. Não; é nossa intenção e nossa vontade descobrir feridas e procurar curá-las.

E estes casos tanto mais se acentuam, quanto mais egoístas os homens se tornam. Este egoísmo vai até fazer esquecer ou fazer passar por cima dos deveres para com o próprio Deus e dos deveres próprios do estado de cada um.

Há dias estávamos numa repartição pública a tratar de coisas da nossa vida. Enquanto preenchíamos um papel, chegou uma mulher ainda nova, muito esfalfada. Expõe aos funcionários a sua situação. Tem na mão sete cédulas de outros tantos filhinhos. O ano passado neste mesmo dia tinha só quatro. O marido tem frequentes hemoptizes e não pode trabalhar. Ele, por ser estrangeiro, tem de pagar anualmente um determinado

Cont. na pág. TRÊS

Património dos Pobres

É frequente ouvir-se dizer que «O Gaiato» peca por demagogia; «é um demagogo». Na verdade tem havido sempre homens e hoje também, que procuram defender os seus interesses com tanta habilidade, que até parecem estar a defender os dos outros; e quando se trata de humildes, os tais defensores quase chegam à perfeição! Dão muito que falar e pouco que meditar. Agitam sim, mas não produzem a inquietação das almas. Não levedam! Não é fermento que preste. A massa derranca-se. Deus não está ali. Eis aqui o retrato do demagogo quer nos comícios quer nos jornais. Quem é que os não tem visto? Ora nós não senhor. Não amamos o homem pelo homem. Não se nos dá de juízos ou opiniões. Lançamos o fogo e fugimos das turbas. Resultado: primeiramente as almas. O seu grito interior. O seu arrependimento; ai o que nós estávamos fazendo! A seguir a derruba. Ilhas abaixo. Eis aqui a demagogia de «O Gaiato».

Em um número do jornal Novidades e epígrafe **Dominicais**, dizia-se claramente que se torna necessário mudar de processos de Pastoral dentro dos Seminários. É o jornal dos Bispos. O artigo vinha em fundo. Um quase conselho de Bispos, como antes e para o mesmo fim, tinha havido um Conselho de Ministros: ai o que nós estávamos fazendo! Mais demagogia. Não vamos naturalmente dizer aqui, nem isso é verdade, que **O Gaiato** haja sido o causador do movimento. Não foi. Não podia ser.

Cont. na página TRÊS

REVOLUCIONANDO

Quem pretender introduzir novidades terá de caminhar sobre brasas. O povo é contra as novidades. Tardamente se há-de convencer. Os artesanatos de chales em Ordins nasceram em perigo de vida. Tivemos de lutar contra a incerteza da empresa, vencendo bastantes obstáculos. Dificuldades na aprendizagem das artezãs, falta de fundos, etc.

dizagem das artezãs, falta de fundos, etc.

Quem nos deu capital para confeccionarmos chales — só confeccionando é que formaríamos artezãs! — na incerteza da empresa vir a falhar? A falta de capital disponível limitou o número das artezãs, apenas a três. Quando pelo «O Gaiato» começaram a chover as encomendas, viu-se que os artesanatos de Ordins podiam realizar-se, mas, ao mesmo tempo, corria-se o risco de ficarmos todos afogados em tanta abundância. Urgia formar artezãs. Mas quem queria aprender uma novidade?! Quem acreditava?! «Isto acaba. Eu não tenho cabeça para aprender, etc.». Por outro lado, notava-se uma certa relutância da parte das «Mestras», por verem que, dividido o trabalho por muitas, pouco lhes viria a tocar.

As aprendizas foi preciso então estimá-las, pagando-lhes desde a primeira hora. Às «Mestras» pregar-lhes caridade e mostrar-lhes à evidência que não havia outra solução que multiplicar as artezãs ou desistirmos. Prevaleceu o bom senso e hoje temos mais pão em 19 lares. Viram-se, então, coisas lindas em Ordins. Mulheres em suas casas, à luz baça do

(Cont. na pág. TRÊS)

VIRTUDES RARAS

Os pequenos pensam habitualmente nas «suas obras»; os grandes pensam nas «suas e nas dos outros»; os Santos pensam apenas ser instrumentos na «Obra de Deus».

Encontramos, com muita frequência, homens de nome e de renome que não vêm absolutamente mais nada do que as suas obras. É o plano inclinado para a «injustiça». É caminhar à beira do abismo. Os realizadores de segunda ordem julgam que para executar o seu plano têm de viver de tal maneira que necessariamente esqueçam o que se passa à sua volta. São como especialistas falhados que não conhecem mais nada do que o ramo a que se dedicaram. Na obra da criação não é assim. Uns seres dependem dos outros; não vivemos sózinhos, não podemos nunca viver o «nosso mundo», mas o mundo; não podemos jamais ausentar-nos do plano geral, sem atraíçarmos a Vida. Compreender a variedade admirável das boas realizações, obedecendo a critérios específicos. É digno de dó aquele pai — mais frequente aquela mãe — que parece não acreditar não existir mais nada na terra que o seu filhinho.

Entre os pormenores da Obra da Rua sempre se evidenciou este: compreender, estimular e ajudar as «obras alheias» desde que também tenham o sinal da verdade. Evidentemente os seus dirigentes não têm respondido a todos os pedidos, não têm satisfeito todas as pretensões. Têm seguido um critério: onde for manifestada a boa vontade e a «realização» dalguma coisa — e não apenas onde tudo se resume em grandes planos — o cofre não se tem fechado. «As casas do Gaiato têm amplas janelas abertas para o horizonte». Ainda bem. É um nobre exemplo que frutificará, assim o acreditamos. Tem havido muitos casos, através da História, em que as obras têm perdido os homens. Estes não venceram; ao contrário foram vencidos pela acção. Ausência de meditação, ausência do Evangelho, ausência do sentido comunitário e universal da Igreja; sobretudo terrível «eu», os «meus» princípios, os «meus» direitos, os «meus» trabalhos. Em vez do Apostolado das Obras a heresia da acção... Perguntam, com frequência, o que acontecerá depois da sua morte, preocupam-se morbidamente com os seus sucessores, os insubstituíveis. Seus olhos ou se vêem a si próprios ou às suas coisas. Ao contrário a Obra da Rua

Cont. na quarta página

Colabore na Campanha dos Cinquenta Mil

Fraternidade das Irmãs de Jesus

CALVÁRIO

A Congregação está actualmente dividida em 46 regiões compreendendo mais de 120 Fraternidades espalhadas pelas cinco partes do mundo e contando 460 Irmãs de 30 nacionalidades.

Algumas Irmãs instalaram-se à beira das fronteiras soviéticas: Finlândia, Macau, Dione (Alaska) Afeganistão. Outras vivem no meio das populações primitivas dos Pigmeus, Bochinames, Ouldemes (África), Tapirés (Brasil) e no meio das populações nómadas das Tendas do Seará, Marrocos e no Oriente e carrinhas dos eiganos.

Outras, enfim, partilham do trabalho operário mais humilde, das pescarias e das minas, dos bairros das latas e algumas vão partilhar a vida tão dolorosa das gafarias e das prisões.

Não tendo nenhuma obra externa organizada, o fim das Irmãs de Jesus é de se consagrarem inteiramente a Deus, amando-O acima de todas as coisas, imitando Jesus, esforçando-se por fazer reinar entre os homens a Unidade, no Amor do seu Coração, acima das divisões de classes, de raças e de nações, pelo testemunho de uma vida religiosa vivida segundo o Evangelho.

A Fraternidade não pode possuir nem dotes, nem capitais, nem rendimentos.

— Vida de Fraternidade, em pequenos grupos de 3 ou 4 Irmãs, vivendo em contacto directo com o meio ambiente, num grande desejo de partilhar o melhor possível a vida de todos os que as cercam, fazendo-se verdadeiramente um deles até se identificarem com a sua classe social.

— Amor de preferência pelos humildes e os mais abandonados, partilhando a sua vida, morando nas suas casas, comendo como eles, afim de os poder compreender melhor; amando-os também como Jesus que se fez o último e o servo de todos.

— Rejeitarão enérgicamente qualquer preconceito de racismo, de nacionalismo ou de classe que diminua e quebre o amor fraterno entre os homens. — Deverão conservar-se constantemente disponíveis para as necessidades do seu meio e do seu tempo, porque mais valeria para elas desaparecer, que não serem capazes de uma sã evolução na linha do seu espírito.

Em Portugal, as Irmãs têm 3 Fraternidades:

LISBOA — onde vivem numa barraca entre os seus amigos da Curreira. Prepara-se outra Fraternidade no bairro do porto (paróquia de S. Paulo), mais acessível a todas as classes.

MARINHA GRANDE — Fraternidade operária. As Irmãs trabalham na fábrica de empalhação de garrafas partilhando as dificuldades da vida operária.

FATIMA - Fraternidade, noviciado para as vocações portuguesas, que se tornará também Fraternidade de Adoração quando o número das Irmãs aumentar. Fraternidade aberta igualmente a todos aqueles que forem atraídos pe-

la vocação de oração e da amizade universal da Fraternidade.

Por enquanto as Irmãs vivem numa casa provisória, esperando a construção do futuro noviciado que tem de conservar o aspecto de pobreza e de simplicidade da gente pobre do país.

«Amanhã várias—21—de entre vós, terão a felicidade de fazer a profissão prepétua junto do Túmulo de S. Pedro. Todas as outras se lhes unirão pelo coração. Abençoamo-las, particularmente, desde hoje e encarregamo-las de levar às suas Fraternidades, longínquas ou próximas, já fundadas ou ainda em preparação, todo o fervor, a humildade e a paciência que, para elas e para vós todas, pedimos a Deus.» Pio XII

Mais de Faro 100\$. Metade de Alvaizere. «Tenho muita pena dos que estão no último quartel da vida e abandonados, por isso peço a Deus que a abençoe e a faça progredir». Isto vem na carta. Isto são pedras da fundação. Da Avenida Central, Braga, sim senhor. «Passando hoje o 77 aniversário do meu nascimento, envio 77\$ para o Calvário. É a assinante 30.035. Mais 500\$ do Caramulo. «Doente a quem nada falta aos doentes que de tudo precisam». Mais pedras de fundação. Ainda que não fosse por mais nada, valeria a pena construir só para dar a lume as riquezas da alma. Uma letra muito certinha vem periodicamente de Lourenço Marques com um cheque de 500\$. Mais 200\$ da Emília de Lisboa.

Mais de Penamacor 100\$. «Em homenagem aos 80 anos de Sua Santidade». Vai aqui uma portuense com 50\$ a dizer «fico pedindo a Deus que toque os corações de todos afim de que todos O venham a conhecer através da caridade»; isto é, através dEle. Ainda estamos na primeira casa do aldeamento e o Calvário já é uma obra cheia! Mais 50\$ «de pai, mãe e filho». S. João da Madeira leva 250\$ de um aumento de ordenado. S. Pedro do Estoril 120\$. Da cidade da Beira 100\$. De Gondomar 150\$. 30\$ de uma pecadora.

A primeira casa denominada «Graças a Deus», está nos últimos retoques. É uma sala comum, cozinha, quarto de banho e seis quartos. As paredes da chamada Residência Hospita-

lar já se vêem de longe. Não temos tempo nem lugar de proceder aos lançamentos da primeira pedra, tal a necessidade de receber os primeiros ocupantes.

Verdadeiramente falando, a gente não sabe como nem até onde vai chegar este e outros «Calvários». Não se obedece a um programa. Não temos o sentido das coisas futuras. Pois quem havia de dizer, quando há uns anos se lançaram à terra as primeiras pedras de duas casas do «Património»; quem havia de dizer que elas eram «Uma semente»? Ora assim como estas, também as de futuros «Calvários». Que eles sejam por toda a parte a sequência do «Património», uma vez que os estatutos se estendem «subsidiariamente a todos os fins de caridade, profilaxia e assistência, conexos com o seu fim primário». Existem hoje legiões de doentes, vítimas da sociedade; são os inválidos que deram o seu tempo, envelheceram e só têm mãos calejadas! Para estes também fazem falta abrigos nas paróquias. O que se torna necessário é que eles sejam uma Obra da Igreja, alimentada pela seiva da Igreja, em comunhão com os bispos; que seja a oração viva de párocos e vicentinos, com a terminação «per Christum Dominum Nostrum».

É simplesmente admirável a vitalidade da Santa Madre Igreja e sua adaptação aos lugares e tempos! Como Ela suscita! Os senhores vejam a notícia que damos aqui da estupeficação da fundação das Irmãs de Jesus; delas por todo o mundo, entre todas as cores, dadas a todos os serviços, empalhando garrafas na Marinha Grande e a morar nas Barracas da Curreira! Notem, ainda, a ânsia da Fundadora enquanto não tem irmãs em número suficiente para se darem exclusivamente à Oração. Como ela sabe onde é a Fonte!...

E vamos dizer de uma organização de religiosos na Áustria, que se dedicam à construção de casas e de igrejas. Como começou? Aparentemente foi no fim da última guerra; um sacerdote reúne a si alguns rapazes que se prontificam a ajudar só pelo comer e vestir. A estes juntam-se outros. Hoje vivem em comunidade. Isto a aparência. Onde a realidade? A Igreja suscita. Eis.

LEDE E PROPAGAI

«O GAIATO»

Padre Aires

Noticias da Conferência da Nossa Aldela

Dum assinante do Porto, 10\$. Assinante 1.251, também do Porto, 100\$. Assinante 16.034 de S. Paulo, Brasil, 150 cruzeiros. Assinante 9.387, da Foz do Douro, 10\$. Atensão Lourenço Marques, assinante 29.356; aqui vão os 50\$ enviados para a Conferência. Assinante 7.648, 20\$. Rita Pires de Lima, 10\$. Assinante

31.856, o dobro. Idem 13.880, de Lisboa, 50\$. Uma assinante de Cernache segue com 20\$. Mais Lourenço Marques — quantos amigos por lá temos! — Assinante 23.358 diz que «se por acaso a quantia enviada para o jornal tiver algum troco (sobraram 50\$) que seja para os pobres da Conferência e Cont. na terceira página

CHALES DE ORDINS

«Recebi os 5 chales que agradaram muitíssimo, tanto pela qualidade, como pelas cores». É de Amarante. «Tenho acompanhado com todo o interesse a campanha dos chales de Ordins». É Almeirim com 120 para um de 110. De Coimbra, dois de 90\$ com 200 na mão. Paço de Sousa um de 60. «Acho os seus chales tão encantadores, que se fosse rica dava um a cada criança, dava às jovens e dava às velhinhas». De Abrantes, uma Dama da Caridade: «cá lhes venho encomendar mais um chale e es-

pero que outros sejam pedidos». Porto um pequeno com 70, «pedindo uma Avé Maria pela conversão de um pecador». Alquerubim um grande. Do Porto, uns senhores, à custa de trabalhos, descobriram Ordins e levaram um dos grandes. A Ilha da Madeira apareceu com três dos pequeninos, para não fiar atrás do continente, nem dos Açores, nem da Guiné, nem de Moçambique. Do hospital de V. Real uma Religiosa Enfermeira quer um de 110, branco. Também a Directora do Hospital da Eri-

ceira apareceu por um. Alenquer um pequeno. Lousã, idem com 110 na mão. Alcobaça com 120 um dos grandes. Lisboa dois dos mesmos, agradecendo o envio de outros, «os quais me satisfazem completamente. Diligenciarei obter mais encomendas». Murtosa um de 60. É uma vicentina. Porto dois dos mesmos. Canas de Senhorim com 100 um de 90. Caldas da Rainha dois dos pequenos. A vicentina de Souto da Carvalhosa vem por mais um dos grandes. Lisboa dois dos pequenos. A propagandista de Pontével volta por mais três dos grandes e um dos médios. Satisfaz prontamente com mais 10\$ para a conferência. Cernache um dos pequeninos. Coimbra com 120 um de 110. Luanda quer tornar-se presente, com um chale de Ordins, em Alijó e, com dois, em Ferreiros do Dão. A importância enviada é insuficiente. Coviã um de 60. Guarda um grande. Castro Daire, idem. Temos propagandista pela certa. Pontével não descansa e vem por mais um grande e outro médio. Monforte da Beira dois grandes. Envia 250\$. É uma oferta de uma senhora a duas criadas. Magnífica oferta.

Os chales em pura lã são agora um pouquinho maiores. Medem, em diagonal, os grandes: 1,98m.; os médios: 1,84m. e os pequenos 1,54m. As encomendas devem dirigir-se, com a respectiva importância, somente para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa. Grandes a 110\$; médios a 90\$ e pequenos a 60\$. Pelo correio, mais 5\$00.

Património dos Pobres — Continuação da primeira página

Nada se tem dito aqui da Barraca que os homens já não souberem. Então quê? Espevitou. Mais nada.

— x x x —

Um pároco do Alentejo escreve que precisa muito de construir uma igreja, mas prefere começar por casas e neste ponto diz e diz e diz. Outros, de outras paróquias, são da mesma opinião e dizem e dizem e dizem; de sorte que não tive outro remédio senão ir por aí abaixo. Cacém, ao pé do hospital, e num sítio de escolha, estão lindamente implantadas seis casas gémeas para doze famílias numerosas. Em Viana do Alentejo, continua-se e no próximo verão temos mais entregas, Alvito e Vila Nova de Baronia vai-se começar. Amareleja idem. Reguengos, havendo dinheiro e terrenos, não sei por que é que se espera! Caminhei e não torno. Campo Maior está-se a trabalhar activamente; vão ser desassete delas. Elvas, havendo dinheiro, mesmo muito dinheiro e terrenos, não sei por que é que se espera. Também ali não torno. Vendas Novas, estão seis erguidas e vão ser muitas mais. Estremoz vai começar. Aviz trabalha. Aldeia Nova de S. Bento tem quatro em telha e quatro a subir; vão ser vinte.

Não podemos duvidar. A ocasião vai seguramente despertar muitas generosidades. Devemos estar dispostos a conceder que se o Alentejano deixa fortunas incomensuráveis é porque, em vida, olhou em redor e não viu nada. Agora vê e determina-se e pode vir a saborear a doçura de distribuir. Não faltaram casas de homens ricos, onde desta vez entrei, alguns deles sem descendência e mui interessados. Ora se a minha simples presença de tal forma os impressiona, que fará quando eles vierem a ter ocasião de ver as casas subir.

A desolação alentejana não aparece no exterior. Não vi uma barraca. Ao contrário, vi casas pequeninas por toda a parte com ar de serem caiadas amiude. Mas dentro não é assim. Naquela pequenina casa de uma única divisão, é muito frequente viverem duas gerações!! Quem tiver ouvidos de ouvir que ouça! E como por lá são muitas as igrejas e muito belas e muito amplas e todas às moscas, comecemos por evangelizar aquela gente, dando-lhes casa e pão.

Revolucionando

(Continuação da prim. página)

petróleo, manufacturarem chales, ajudadas pelos maridos, até às 3 horas da madrugada... Há cartas lindas cheias de esperança, que transpõem os mares... Quantas dessas pobres, socorridas pela Conferência Vicentina, se ocupam nos chales... O trabalho de embalagem é feito por uma que, a princípio, chorava a valer, por se julgar incapaz. Nova luta se trava, agora, na alma desta mulher. Parece-lhe que não é capaz de confeccionar chales, mas já se começou a vencer, levando para casa o quadro-tear... Uma outra arteza, pobre da nossa conferência e moradora numa casa do Património, anda já na carreira dos 70... Já põe óculos. Nem nos falta uma doente nervosa que muita vez nos disse que tal trabalho seria incompatível com a sua saúde. E é mais uma arteza.

Há dias houve uma reunião de tecedeiras. Pregou-se a doutrina do Pai-Nosso: somos irmãs. Leu-se-lhes a página do Juízo Final: a caridade nos julgará. As «Mestras» gratuitamente prestariam assistência às irmãs artezas, pois também aprenderam graciosamente. O lucro dos chales, pagas as despesas, seria todo das tecedeiras; no entanto uma pequenina parte ficaria em cofre, sob o nome de cada qual. É com estes pequeninos fundos que pensamos poder mais tarde montar novos artesanatos de tecelagem de cobertores, etc., adquirir maquinas de fiar linho (o

fuso e a roca são demasiadamente poéticos... e as pobres não podem ser poetizas...), tricotar, semeadores mecânicos e o mais que depois se verá. Espera-se não demora a ida de raparigas de Ordins para o Porto e Penafiel aprender tecelagem.

No intuito de melhorar o nível económico, tão baixo neste meio, lançou-se a ideia entre as tecedeiras, da criação de coelhos. Igualmente se procedeu ao plantio de árvores de fruta. Conseguiram-se, graciosamente, com auxílio de particulares e do Estado, cerca de mil exemplares que se distribuíram pelo povo. Dentro de alguns anos, Ordins terá fruta em abundância. As refeições passarão a ser melhoradas e haverá alguma coisa que vender. Deseja-se pôr termo à miséria, para todos poderem melhor atingir o destino eterno para que foram criados. A terra é para o homem e este para Deus, por meio de Cristo.

Padre Aires

P. S. — Alto lá senhor padre Aires, tudo menos a roca. Não me acabe com a roca em Ordins. Eu sou poeta. Deixe que eu morra. Isto está por pouco. Outra coisa; não se prenda, que depois mais lhe custa a desprender-se. O seu lugar é no «Calvário» de Beire. Olhe que já temos gente lá espera. Leia a crónica do Serafim. O doente de quem ele fala mora em tal «casa» que o Antoninho passalhe o caldo por um postigo, por não caber lá dentro! E deixe as rocas.

SETÚBAL

(Continuação da prim. página)

imposto. É precisamente por causa desse imposto que ela mais se aflige. Está no último dia e não sabe donde há-de vir o dinheiro. Toda ela é de lágrimas. Enquanto vou escrevendo, vou também ouvindo aquela triste realidade. Chamo a pobre mulher e entrego-lhe o dinheiro. O funcionário quer que eu lho entregue directamente a ele. Não aceitei. Só o entreguei às mãos daquela mulher. Ela hesita. Não acredita. Paga sem saber o que está a fazer. Vem para me agradecer e nem ela tem palavras, nem os presentes disposição e eu só fui capaz de lhe mandar agradecer a Deus, autor de todo o Bem.

Ainda levou para casa alguma coisa para nesse dia fazer o caldo a seu marido e seus filhinhos.

Depois que ela se retirou, pude dizer àquelas pessoas que aquela era a Mulher forte do Evangelho. Estas mães hão-de um dia ser chamadas por Deus e coroadas de glória!

A ouvir estava uma mãe que confessa o seu espanto, pois que só quis ser mãe uma vez. Em muitos casos a nossa alta sociedade é isto.

Ainda hoje, numa rua de Coimbra, veio ao meu encontro uma mãe que conheço há muitos anos. Queria agradecer-me o ter-lhe valido numa aflição maior. E vai contando que seu marido que já esteve muito tempo num sanatório, está agora novamente na cama com muitas hemoptizes e que os senhores do C.A.D.C. andam a arranjar para ele ir para o Caramulo. E que ela para olhar por ele e pelos seus cinco filhinhos, não pode ir dar nenhuns dias fora. E que agora alcançou outra vez e que não, sabe o que vai ser deles todos. E cala-se, silenciosa. Uns momentos antes tinha eu passado num estabelecimento onde me entregaram duas quantias. Deus permite-nos gozar interiormente estas alegrias. Não são alegrias nossas. São alegrias destas grandes mulheres. Oh bem aventuradas mães que aceitam agora generosamente estes sacrifícios tão grandes para eumprirem a Vontade de Deus! Oh infelizes mulheres que renunciam à sua missão de mães; colaboradoras de Deus na Obra da Criação. Como um dia há-de ser pesada a hora das vossas contas!

Padre Horácio

AGORA

Tribuna de Coimbra

Mais 40\$ de Lisboa. Mais da Beira um cheque de 1.000\$. Vai aqui um senhor de Moscavide com 2.700\$. Proença-a-Nova torna com 500\$. Os funcionários dos C.T.T. do Porto 633\$. Um Cavalheiro do Porto que há tempos deu 2.000\$ e contava, então, ir entregando o restante até fazer a conta, esse senhor, não sei porque jeitos, manda agora dez deles e assim fecha o negócio e diz isto: «Mande proceder sem demora à construção da casa, onde melhor possa servir a pobreza». Eis aqui uma verdade que muitos ainda não compreendem. Até Vicentinos! Não há muito que passei por uma terra onde há ofertas de terreno, muito dinheiro em caixa e a tragédia da barraca como em poucos sítios se observa. Pois nem assim!

A coisa não anda! Não se entendem. Eu cá não quero mal a ninguém, mas gostaria que estes e outros que impedem e causam demoras, fossem obrigados a fazer uma temporada dentro da barraca, precisamente nas condições em que os agregados lá vivem e uma vez libertos, tenho a certeza que se haviam de despachar. Quão poucos os que ouvem o Mestre: «faze aos outros o que gostarias fizessem a ti». Vai aqui uma assinante do Porto com 500\$ na mão a dizer assim — «o jornal tem-me feito ver o que os meus olhos não viam». Torna o Alberto com 100\$. Tornam os empregados da Chenop com 865\$. Torna o pessoal da Hica com 1.945\$60 referente a Março. Torna o dos cigarros com os vinte do costume. E torna a «Mãe do Zé António» com 50\$. Diz ela «chegou um netinho que também é Zé António». Quem há-de aturá-la agora?! Mais 50\$ de Lisboa. Mais 500\$ de Salreu de «um professor primário». Mais 20\$ de Moscavide. Torna a Alda Veloso de Tete com 1.000\$ «para a sua casa».

Mais 500\$ «do meu primeiro ordenado». Mais 20\$ em memória do senhor Padre Cruz. Mais 500\$ para ajuda dum casa «de preferência em Lisboa». Tudo muito certo, sim, mas em Lisboa há outras preferências. Mais 500\$ de Lisboa. De um católico de Sintra «do seu aumento de ordenado». Ele gostaria que este dinheiro fosse aplicado na primeira casa que vier a construir-se ali e eu também. Sim, fale o pároco. Mais esta carta:

«Gostaria imenso que todas as raparigas da minha classe, (criadas de servir), louvassem e bendissem ao Senhor, contribuindo também com suas esmolas, para a construção de uma casa. Oh! que bem podiam fazer, privando-se assim de alguns divertimentos que muitas das vezes as levam à ruína do corpo e da alma.»

No momento em que a procição ia recolher, eis que aparece um grupo de circunstância que não se pode facilmente despedir, nem convém, para que outros venham...

Senhor Padre Horácio que desculpe o meu meter de foice em sua seara.

A verdade é que as jornadas dele por Setúbal me têm levado a jornadear mais vezes que as costumadas por Coimbra e Miranda.

E ali foi que reencontrei, tornado homem, o Eduardo, o «velho» «Fofa», que deixara de ver pouco mais que adolescente, há muitos anos, nas Colónias da Senhora da Piedade.

O «Fofa» era um rapaz alegre, sempre bem disposto. Havia mesmo quem dissesse que com um bocadinho de «bolha». Trabalhador, zeloso, amigo de nos poupar esforços ou cuidados—nunca na obra eu conheci igual! À noite, depois da rapaziada das colónias posta a dormir, arrumada a cozinha, ele aí vinha fazer momices para nos entreter. Gostava de fumar seu cigarrito, mas resistia vitorioso à oferta que lhe fazíamos, por respeito. Era, pois, para nós, uma figura especial, meio pupilo, meio camarada, naquela companhia de garotos das ruas de Coimbra.

Passado tempo entrei no Seminário. Ele saiu para a sua vida, que ainda hoje é: canteleiro, entre Calçada, Portagem, e Estação Nova. Até há pouco, não mais tive novas dele, além de uma simpática recordação.

Outro dia reencontrámo-nos. Soube então que casara. Houve um primeiro filho, que morreu. Depois outra menina, agora de meses, e ele ficou viúvo.

Vinte e cinco anos; viúvo; uma filhinha de meses; uma vida lutada pelo pão de cada dia—parece que seria o suficiente para o abater. Pois, no seu rosto, enquanto me contava, pairava um sorriso triste, um sorriso sereno. «Se Deus assim quis, de que me posso queixar?...» E falava-me da sua menina, e dizia-me da sua sogra, «mais minha amiga que

A frente é o Corregedor e Doutor Simões Pereira, que tomou a iniciativa de abrir uma subscrição para a «Casa do Círculo Judicial de Portalegre» e traz consigo Juizes, Delegados do Procurador da República, Advogados, Notários, Conservadores do Registo Civil e Predial e Funcionários da Justiça das comarcas que constituem o Círculo Judicial. (Abrantes, Ponte de Sor, Fronteira, Elvas, Castelo de Vide, Nisa e Portalegre). Depois do Tribunal da Beira é esta a segunda Casa da Justiça. Vamos mandar executar a placa. A casa merece e deve ser implantada naquele Círculo.

Com licença; eu não queria, mas chega aqui agora mesmo o Areosa da venda em Aveiro, e traz 500\$ de uma senhora.

dos próprios filhos», com um coração cheio de certezas futuras que lhe transpareciam em paz no rosto.

Em sua vida nas ruas, encontra muito rapaz como outrora ele foi. Porém, sua passagem na Casa do Gaiato não foi em vão. Nem a sua alma generosa é para guardar só para si o bem que lhe foi dado. Doi-se. Nas almas ricas, a dor é princípio de acção. Há mais de um ano que reúne rapazes de seu antigo naípe. Formou um grupo. Deu-lhe por madrinha a Senhora da Conceição. Começou por os levar a passear aos domingos. «Iamos para os lados de Santa Clara ou outras bandas e eu comprava melancias...»

Não era, porém, por amor da melancia que ele levava rapazes e gastava com eles das suas pobres economias.

O seu interesse era mais alto. Hoje, também os leva, já os leva a um quartito dos anexos da Sé Nova, que o Padre Afonso lhes cedeu. Ali os reúne, lhes lê o Evangelho do domingo seguinte e lho explica, sob os olhos da Mãe Imaculada.

Que saborosas homilias devem ser aquelas!

(Continua na quarta página)

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

(Continuação da segunda página)

encha a casa». Que legenda tão cristã—«destas migalhas Deus lhes encha a casa»! De «um zero», 300\$. Assinante 11.823, 20\$. O mesmo dum assinante de Mafra. Dum outro da Régua, o dobro. Assinante 17.023, o mesmo. De um subscritor da Conferência de Calendário (Famalicão) «que é a que mais pobres tem de este conceito», 30\$. Mário Osório, 20\$. Assinante 20.449, metade. Justino Domingues Moreira, 16\$. Mais Lourenço Marques:

«Desejo enviar todos os meses 50\$ para um dos protegidos da Conferência (de preferência um velhinho que viva só), agradecendo dar-lhe conhecimento da minha intenção de fazê-lo sempre; agradeço mais pedir-lhe se lembre de rezar um Pai-Nosso por alma da Palmira.»

Se nos dão licença: viva Lourenço Marques! Caso curioso, a cidade da Beira não quer ficar mal e aí vem esta carta:

«O pessoal da Casa Spanos, da Beira, envia com todo o seu carinho esta pequena importância de 700\$ para a Conferência de S. Vicente de Paulo.»

Que é dos nossos amigos africanistas da costa ocidental?

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Notas de viagem

—Fui outro dia visitar o Lar de Coimbra e a nossa Casa de Miranda do Corvo, que fica a uns 30 quilómetros da cidade do Mondego.

Sai daqui sózinbo, tendo-me encontrado no Lar do Porto com a furgoneta, Manuel Henrique, Joaquim Pedro e o Senhor Padre Carlos que era o nosso motorista e que, diga-se em abono da verdade, se portou muito bem. Seguimos contentes como passarinhos. Passada que foi Gaia, Carvalhos fora, como há para aqueles lados umas construções muito bonitas, muito airozas, numa palavra, à portuguesa, começamos ao desafio a ver a quem calhava a melhor. O senhor Padre Carlos é que estava com menos sorte, mas mesmo assim não deixava de ter boa disposição. Paramos um pouco em S. João da Madeira e eu dei com uma maçã num canto da furgoneta e comecei a roer nela. Tinha saído dum cartucho. Os outros fizeram queixa e eu ia ficando a ver navios para o resto da merenda... Mas as coisas lá se ajeitaram e tocou-me o mesmo que aos outros. Prego ao fundo e lá chegamos a Coimbra num instante. Jantamos e seguimos para Miranda. Já tudo dormia menos o *Carequita*, que estava à cuca e mal chegamos nos veio logo abrir a porta. Demos uma volta e tudo *ferrava o gaiato* com gosto. Saímos ao pátio onde fomos cumprimentados com uma ladrela por um valente cão (quem nos dera ter um assim...) com cara de poucos amigos. Foge! Com este não quero palcio!...

O chefe lá nos indicou as nossas camas. Ficamos numa enfermaria. Ficamos quatro. Nós três e o *Faisca*, que passou a ter sociedade de Coimbra em diante. Todos muito bem dispostos. Falamos de futebol, da situação política, etc. O Orlando começou a cheirar um armário que ali estava e já estava a fazer o fado a uma garrafa de xarope... Ai o tártaro! Diz ele que já é costume. Que aquilo está por sua conta e lá foi provando. O pior é se algum dia lhe acontece como ao mestre *Malhada*. Vê lá o que é que ajeitamos...

No dia seguinte demos uma volta pela vila, dois chutos no campo de futebol para matar o vício, almoçamos e seguimos para a Cidade Universitária. Esta é pequenina mas muito linda. Das mais lindas de Portugal. Desde a ponte de Santa Clara de linhas sóbrias e arquitectura moderna, ao Convento de Santa Clara, Portugal dos Pequeninos, Penedo da Saudade e da velha Universidade, onde entramos nas principais dependências. Subimos à torre desta, a seguir fomos à Sé Nova e não poderíamos faltar à magestosa Sé Velha, de linhas imponentes. Aqui visitamos o nosso muito amigo Senhor Padre Varanda, que nos serviu de cicere e nos mostrou também as suas dependências. Fomos ao Museu Machado de Castro, um dos mais bem organizados de Portugal e não esquecemos as Criaditas dos Pobres, onde nos foi dado ver os seus trabalhos e das suas ocupações para um mundo melhor. Não têm nada de nada e é sua preocupação constante o bem estar do próximo.

Muitas mais coisas tínhamos a dizer, mas não podemos alongar-nos em pormenores, pois o espaço é limitado e as notícias das mais variadas.

— Visitou-nos o Vilar do Paraíso Futebol Clube, de Vila Nova de Gaia, num destes últimos domingos, que defrontou o nosso grupo desportivo, tendo perdido pela marca de 2-1.

Jogou-se muito mal da nossa parte, talvez o pior desafio da época. O terreno também não ajudou nada pois estava completamente enlameado, devido às fortes bátegas de água que de manhã tinham caído e mesmo ao longo da partida.

Jogamos desfalcados de três dos nossos melhores elementos: Nicolau, Abel e Carlitos. Paciência, foi uma tarde má, para outra vez pode ser melhor. Disto só têm a desculpar os nossos dignos adversários.

O árbitro era da caravana dos nossos visitantes. Teve alguns erros como outros os terão, porém não influenciou no resultado da contenda.

Alinhamos:

Brito; Pereira Gomes, A. Barroso e

Luis de Carvalho, Cândido e Daniel; Dita, Semanel, Gaia, Rui e Banana.

—No dia 24 de Maio lá estaremos nós no Coliseu do Porto. Vamos em peso. Vai ser medonho! Vai o Manel Bucha, o orfeão com o Sejaquim, o Caraca, o Semelo, que é o refeiteiro do Pai Américo. Provavelmente já não irá de sapato na unha porque já se encontra melhor do pé!

Parece-me que há coisas novas que eu ainda não sei. Vai ser de arrebrantar tudo. Disso não tenho eu dúvida nenhuma. Não faltarão «Os Amigos do Pagode», com o seu conjunto privativo: *Manda vir que eu pago!*

E o resto os senhores depois vão ver, apreciar, gostar e pedir mais!!

—Chegaram os renhidos desafios de Oquei. Quem quiser apreciar é só cá vir aos recreios. Isto é uma alegria. Refilices, sopapos, árbitro às aranhas porque ninguém gosta de perder, uns todos hravos, outros contentes, uns chateados outros a bater palmas e o jogo sempre a prosseguir. Não há empenos Os que andam para os lados da carpintaria bem se vão ajeitando e vão tendo uns stiks muito regulares, mas outros andam lá com uns gravetos que só servem para esgravatar, outros são autênticas bengalas e ainda outros com eles mais tortos que o nariz do meu vizinho do lado!

Mas não se vê ninguém triste. Pois claro que não. Toda a gente está satisfeita. Tudo canta. Tudo ri. Tudo se expande.

Quem se atreve a dizer que lá fora se brinca mais e se é mais alegre que na Casa do Gaiato? Ninguém levanta o dedo? Pois claro que não. É que mesmo não é possível ser-se mais alegre e mais feliz que nas nossas casas. Até no morrer temos exemplos!

Há socos, caneladas, sopapos, mas ao fim e ao cabo tudo se compõe. Todos somos amigos e irmãos! O amigo leitor só tem o trabalho de nos vir visitar. É contra os nossos princípios esconder virtudes e defeitos. Em poucas horas fica a saber tudo e no fim fica com pena de não poder viver no meio de nós!

—No passado dia 17 de Março, os gráficos cá da casa visitaram as oficinas do importante matutino nortenho Jornal de Notícias a quem devemos muitas gentilezas. Foi-nos franqueada a porta e tudo nos foi dado ver e observar. Foi o Júlio Mendes, o Manuel Pinto, C. Pereira, A. Martins, o Abel Braga (este é alfaiate, mas no entanto aproveitou) e nós. Foi uma verdadeira noite de S. João. Nada ficou para trás. Composição, onde se confeccionava o periódico que se põe a circular às primeiras horas do dia e onde estavam caras nossas conhecidas, à estereotipia, secção de gravura, onde se tratam dos clichés pelos processos mais modernos, até à poderosa máquina impressora que devora rolos e rolos de papel com uma sofreguidão fantástica! Como nota saliente, aqui dizemos que o papel consumido é proveniente de fábricas nacionais. Pois claro. Fomentemos a nossa indústria e nacionalizemos os nossos produtos.

Muito obrigado a todos pela atenção que nos dispensaram, proporcionando-nos uma bela noite de estudo, muito especialmente ao Senhor Manuel Seixas, que muito contribuiu para que esta visita fosse um facto, assim como seu Ex.mo irmão, Sr. Victor que nos foi o mais agradável que se pode ser e ao linotipista Sr. Anibal.

Muito obrigado a todos e quando cá quiserem vir estamos sempre às ordens.

—O nosso africanista Carlos Gonçalves, que se encontra no nosso meio a passar as suas férias, tem muito gosto na colecção do nosso jornal. Para ficar com ela completa falta-lhe o número 26, que se encontra esgotado. Daqui apela para os nossos milhares de leitores que o possuem e dele não necessitem. Com a sua gratidão e os cumprimentos do amigo sempre às ordens,

DANIEL BORGES DA SILVA

BEIRE

—O nosso pobre que vinha todos os dias aqui comer já não vem porque não se pode levantar. Vai o Toninho levar-lhe a comida. Como sabem, vive num buraco com dois metros de com-

primento e na largura só cabe a cama. Não tem roupa interior nenhuma e por isso os senhores lembrem-se. Só aquela senhora de Lisboa leu a minha primeira crónica e respondeu logo. Mais ninguém. E quem dá aos pobres, empresta a Deus!

—No passado domingo tomamos conta sózinhos do nosso trabalho. O jornaleiro que cá trazíamos já não precisa de vir ao domingo porque nós tiramos o leite e tomamos conta do gado. E ainda faltamos tempo para jogar a bola se ela cá viesse ter. Mas o correio ainda não chegou com nada, apesar dos meus pedidos.

—Já temos mais sete galinhas a chocar ovos. Uma destas num buraco da parede que ela escolheu e onde tinha posto os ovos. Daqui a pouco não vai faltar barulho com tanta bicharada, mas ainda nos faltam rolos para uma gaiola e ovos de ganso e os patos. E depois os senhores podem cá vir ver.

—A inauguração da nossa capela não demora muito. Está quase pronta. Se os senhores cá quiserem vir é só perguntar onde fica a casa que eu cá estou para lhes mostrar.

SERAFIM EMANUEL

COIMBRA

A NOSSA CONFERÊNCIA

—A nossa conferência vicentina cá vai caminhando em ritmo normal, embora em grande parte esquecida dos nossos benfeitores.

No entanto hoje não me posso calar guardando o que na última visita nos disse um dos pobres. Faleceu-lhe a mãe, já muito velhinha, e portanto teve que fazer as despesas do funeral. Era sua mãe e por isso tinha de fazer o que fosse necessário sem hesitar um momento. Era o dever do filho. Nem se lembrou do pão, nem da renda da casa, nem de nada; e, por conseguinte, foi à gaveta buscar as economias que eram para o senhorio, sem se lembrar que o pagamento da renda estava próximo.

O prazo terminava no dia 8 e esse dia chegou, sem ele poder pagar ao senhorio a renda dos dois compartimentos. No dia 11, domingo, a mulher agarra no dinheiro, de manhã vai pagar ao senhorio, mas este não lhe aceita o dinheiro.

Chega a mulher a casa e vai então o homem explicar a razão do atraso, mas é tempo perdido. Vão por fim ter com o pároco e este com o senhorio, mas não é melhor sucedido do que eles.

Ele contava-me isto, deitado sobre a cama; e a mulher sentada de lado interrompeu e disse: «O senhorio andava já há muito tempo à espera duma ocasião para se vingar de o terem obrigado a pôr água e luz na casa». O próprio senhorio dissera que era sua vingança.

Já estava tão farto de ouvir que fiquei bastante impressionado com aquela vingança tão desumana.

O pobre é carpinteiro. É muito doente dos pulmões e de vez em quando está no hospital. Geralmente não tem trabalho e mesmo que o tenha não o pode fazer. Tem três filhos. A casa não vê a luz do sol nem tem ar e é composta pela cozinha, onde está a cama dele, e por uma salita muito arrumadinha onde dormem a mulher e os filhos. A cozinha nem sequer tem comunicação com a sala. Naquela tarde chovia e ele estava deitado com muita tristeza; falava com dificuldade. De manhã andava à procura de outra casa, mas não encontrara nada.

Ora nós temos imensa vontade de resolver estes casos, mas com os senhorios que por causa de três dias não aceitam o dinheiro, para se vingarem duma coisa que não tinham direito, quase desanimamos.

Também só podemos resolver estes casos com o auxílio de Deus e dos nossos estimados leitores, por meio de orações e donativos.

Carlos Manuel Trindade

SETÚBAL

—Quando vim para aqui, já lá vão dois meses, ao ver esta gente eu não sequer sabia o que era a Casa do Gaiato e senti-me desanimado. Não poucas foram as vezes que ao lembrar-me de

Miranda, onde toda a gente pequena e grande conhecia a nossa casa e amava os gaiatos, algumas lágrimas traçoceiras me caíram dos olhos. Agora já não acontece o mesmo. Esta gente já começa a conhecer a nossa obra, e qual o seu verdadeiro significado. Dantes quase ninguém vinha à missa. Agora a capela quase que se enche. Vê-se mesmo o desejo destas pessoas em aprender. A Casa do Gaiato não há-de servir só para recolher as crianças abandonadas, mas para que toda a gente conheça e sirva o verdadeiro Deus. Há-de ser uma voz a ensinar o verdadeiro caminho.

Os rapazes que estavam no Lar de Alcácer do Sal vieram viver para junto de nós.

Agora formamos uma única família; todos comemos no mesmo refeitório, abrigamo-nos nas mesmas telhas, temos a mesma capela onde todos os dias nos juntamos para agradecer ao Criador tudo aquilo que nos concede.

A gente desta região e nós temos andado a preparar para a desobriga pascal que será no domingo de pascoela. Durante o dia andam por estas terras duas senhoras explicando e chamando todas as pessoas, para que à noite venham à pregação. E na verdade já conseguiram muito, porque a capela enche-se de pessoas ávidas da palavra de Deus, de quem a maior parte nunca ouviu falar. Estas senhoras têm sido uns verdadeiros apóstolos no meio desta gente. Os frutos do seu trabalho já se estão a ver, mas daqui para o futuro muitos mais há-de ser.

—A rapaziada de Coimbra deseja e precisa duma bola. Todas as casas têm, menos esta. Fartos de chutar em bolas de farrapos e papel estamos nós. Isso já passou da moda!

Tenho quase a certeza que os ilustres leitores vão cair. Os conimbricenses têm obrigação de nos enviar uma.

—Os leitores já de certo me chamaram pedinchão de tanto pedir. Mas eu não me zango se tal acontecer. E

Tribuna de Coimbra

Continuação da página três

Enquanto o mundo calcureava a Calçada onde nós paráramos, ele dizia-me tudo isto com aquela mesma serena simplicidade de momentos antes, ao contar da sua viuvez, e da quele instante, ao queixar-se das dificuldades do seu apostolado e da tristeza que lhe faz de tantos por quem se dói e dá.

Ganhei tempo naquela paragem, porque segui melhor. Vi a uma luz mais perfeita o fundo significado daquela designação de «inocente», aqui no norte usada a respeito daqueles que não têm o tino de governar «sua» vida.

Também naquele tempo havia quem dissesse dele que tinha um bocadinho de «bolha». Também agora, da aparente insensibilidade do seu sorriso triste, poderia julgar-se que lhe faltava o senso dos prudentes do século.

Mas eu segui pensando como seria melhor o mundo que passava na Calçada, superior ao pobre cauteleiro, se fossem legião os esquecidos de si, os que teimam no louvor de Deus quando Ele dá e quando tira, os que se prestam ao nome escarninho de «inocente», dado por quem desconhece a beleza e o valor social da inocência.

Padre Carlos

para não fugir à regra aí vai mais um pedido.

São velhas. Dirijo-me especialmente aos leitores desta região pois têm grandes rebanhos. Tinhamos duas, mas há dias um cão matou uma. Agora a que ficou anda sempre a berrar. Certamente se pudesse falar, diria que não anda bem sózinha. Só os leitores a poderão consolar, enviando-nos alguma dos vossos rebanhos. Como não pode agradecer, agradeço eu desde já às pessoas que quiserem fazer esse favor.

José Roque Crisanto

Do que nós NECESSITAMOS

Mais do Porto 50\$ para a viúva de 8 filhos. Sim senhor, Henrique Maria de Queiroz, recebemos. Nós aqui recebemos tudo. Mais 70\$, «saldo dumas apostas amigáveis». Mais 400\$ no Lar do Porto. Outro tanto de Lisboa. Luanda 400\$. Digo que sim à Maria do Carmo de Abrantes. Mais de F. Ramada, L.da, uma remessa de fita de serra. Mais 50\$ de Vila Paiva Couceiro. Outro tanto de Lisboa. O mesmo do Porto. Mais 200\$ de uma assinante de Tomar. Rio Maior 50\$. Outro tanto para a que «só dá pão ao filho quando barrega». Mais 20\$ e objectos de ouro. Mais 200\$ de Lisboa. Mais 50\$ da Rita Grilo do Porto. Mais do Porto 500\$. Da mesma terra 20\$. Outro tanto de Moçamedes. Da cidade da Beira mandaram 200\$ para entregar às duas famílias que habitam na casa Shell.

Esta e mais outras são à beirinha da estrada, num sítio chamado Vale de Ferreiros, a dez minutos do Porto na estrada Amaranite. Munidos de dez notas de 20\$ não deixamos ficar tudo nas duas famílias, consoante nos foi recomendado. Não saberiam governar. Ou ir lá muitas vezes e dar sempre aos mesmos ou repartir por todos de uma só vez. Optou-se por isto, havendo dado, contudo, a parte de leão aos recomendados. Quando este número chegar à Beira, seja lido e desta sorte os empregados daquela firma ficam a saber e podem contar com este Recoveiro para o que for preciso. Dois senhores residentes no Largo de S. Francisco, Rio de Janeiro, quiseram mandar cada um 1.000\$ pelos quais devem ter dado uma pancadaria de cruzeiros. Mais 300\$ «para os pobres do Barredo». Mais 50\$ e mais 20\$ duma peçadora. Mais 100\$ de Freixo de Espada-à-Cinta. Deu uma senhora que tem 92 anos. Mais 500\$ de Lisboa. Outro tanto idem. Mais a assinatura do 17.991. Mais de Caracas 18 dólares.

VIRTUDES RARAS

Cont. da 1.ª página

tem auxiliado diversas obras entre elas a Auto-Construção em Aguiar da Beira. Muito? Pouco? Não importa. É um exemplo dos menos frequentes e dos mais necessários. «Quem vê apenas o campanário da sua capela já está fora da Igreja».

P. Fonseca